



A comunicação na Igreja Católica Latino-americana¹

Paulinele José TEIXEIRA²

RESUMO

Esta pesquisa analisa a forma como a comunicação foi abordada pela Igreja Católica na América Latina nas cinco conferências gerais do episcopado latino-americano e caribenho (CELAM). A análise dos textos conclusivos de cada uma delas revela que houve uma progressiva da abertura da Igreja Católica para o mundo da comunicação, motivada principalmente pelo histórico diálogo entre fé e cultura no continente. Isto possibilitou à Igreja a passagem de uma visão instrumentalista para outra, mais ampla, dos processos comunicacionais. A partir disso são apontadas as contribuições que a Igreja Católica pode dar para o pensamento sobre o futuro da comunicação. Esta pesquisa conclui que a partir de uma autêntica Pastoral da Comunicação é possível valorizar as redes sociais que, mesmo antes da internet, foram elementos de destaque na cultura latino-americana.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; América Latina; Igreja Católica; Cultura; Pastoral.

INTRODUÇÃO

Atualmente, num contexto de muitas conexões e de muita comunicação, os homens sofrem pela má comunicação ou pela falta de conexões significativas.

O homem, que é destinado a ser nó de relações, conhece igualmente a solidão moderna e a dificuldade de comunicação. Como cristãos não é possível permanecermos indiferentes, uma vez que Cristo é o grande comunicador e nos torna conscientes de que nossa principal missão na terra é a de comunicar o amor do Pai (ARNS, 1976. p. 46).

Por isso, esta pesquisa busca, pelo caminho da Igreja na América Latina, um pensamento sobre o futuro da comunicação que preencha a vida e a sociedade de sentido.

¹ Trabalho apresentado no XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação no 8º semestre, e-mail: paulomipk@yahoo.com.br



A pesquisa aborda a maneira como o tema da comunicação foi tratado nas cinco conferências gerais do episcopado latino-americano e caribenho, por meio da análise dos capítulos que tratam sobre comunicação nos documentos conclusivos de cada uma das conferências.

O Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM) é um organismo colegiado de bispos da América Latina que promove diversas atividades para a colaboração entre as dioceses do continente. É o CELAM que articula as conferências gerais para refletir sobre temas da atualidade e contextualizar a missão da Igreja no continente. O meio pelo qual o CELAM faz chegar sua mensagem é, sobretudo, o texto conclusivo de cada conferência com reflexões e propostas para o caminho da Igreja.

O CELAM articulou-se em 1955, com sua primeira conferência no Rio de Janeiro. Nesta ocasião, pouco se tratou sobre a comunicação; a segunda conferência aconteceu na Colômbia, em Medellín, em 1968, o tema foi tratado de maneira mais isolada como “meios de comunicação social”; em 1979, em Puebla de los Angeles no México aconteceu a terceira conferência. Houve uma sequência a Medellín, intitulando o capítulo como “Comunicação Social”; Em Santo Domingo, na República Dominicana, em 1992, a quarta conferência fez a ligação de “Comunicação Social e Cultura”; e em Aparecida-SP, em 2007, tratou-se da “Pastoral da Comunicação”.

O foco da pesquisa está na importância da comunicação nos processos de transformação da sociedade e cultura latino-americana, e como a Igreja Católica se posicionou diante deste tema. Esta pesquisa também se coloca também no contexto dos 50 anos do Concílio Vaticano II, que propôs um modelo de Igreja em diálogo com a sociedade e garantiu um olhar positivo aos meios de comunicação.

A pesquisa partiu da minuciosa análise dos textos conclusivos das cinco conferências do CELAM pelo método histórico-crítico através do qual foram contextualizados os textos conclusivos. Depois foram analisados os documentos oficiais da Igreja, pois eles são relevantes porque as Conferências do CELAM não são pensamentos isolados da instituição na América Latina, mas compõem a atualização do grande evento que foi o Concílio Vaticano II.

Como referencial teórico, a pesquisa partiu da prof^a Joana Puntel que foi testemunha de boa parte deste processo e indica que a Igreja Católica, através das Conferências do CELAM, teve um caminho ascendente na consideração do fenômeno da comunicação. Também como referência figura Nestor Garcia Canclini que ajuda a entender as relações da comunicação com a cultura híbrida do continente. E em Jesus



Martín Barbero, estão as bases para compreender as mediações da comunicação entre a Igreja e sociedade.

A IGREJA CATÓLICA E A COMUNICAÇÃO

A comunicação é uma questão fundamental para a sociedade e também para a Igreja, sobretudo, porque: “O Evangelho necessita da linguagem midiática para ser proclamado. Pois esta linguagem condiciona fortemente nossa cultura atual. ‘Vivemos com a mídia e pela mídia’” (MIRANDA, 2011. Pg 171). A mídia, para o cardeal Carlo Martini: “É uma atmosfera, um ambiente no qual se está imerso, que nos envolve e nos penetra por todos os lados” (MARTINI, 1994. Pg. 115).

O tema da comunicação começou a ser relevante para a estrutura hierárquica da Igreja logo depois da invenção de Gutenberg quando ela se deparou com uma série de problemas em relação à impressão e difusão de idéias. Passado o primeiro impacto com a imprensa, a relação com a comunicação consolidou-se com três principais períodos, assim definidos por Benito Spoleitini (DECOS-CELAM, 1988): O primeiro focado na moral, o segundo voltado para a sociedade e um terceiro pastoral.

O primeiro período é delimitado de 1831 até 1879, do pontificado de Gregório XVI até Pio IX, e é considerado um período moralístico-defensivo. O ápice foi o *Syllabus* de Pio IX, em 1864, com uma série de proibições recusando a toda novidade, transparecendo uma eclesiologia de sociedade perfeita, defendendo-se dos ataques. Contudo, o ambiente que engendrou tais atitudes era, de fato, tenso com a expansão do liberalismo e do socialismo, agravado pelo crescente anti-clericalismo.

O segundo período vai do pontificado de Leão XIII até Pio XI, de 1878 até 1939, promovendo certa abertura devido à ineficácia das proibições e censuras. Leão XIII foi considerado o papa das questões sociais, tendo destaque a Carta Encíclica *Rerum Novarum*. Ele, que comandou a Igreja de 1878 até 1903, não passou somente de século, mas fez passagens importantes para o desenvolvimento da Igreja, tratando das questões sociais, dos trabalhadores e dos conflitos bélicos.

O sucessor de Leão XIII foi Pio X, papa de 1903 até 1906. Este tomou uma postura mais conservadora em relação à imprensa e criou o sistema de *Imprimatur* e o *Nihil Obstat*, para permissão de impressões. Sendo o primeiro a marca de que aquela impressão era autorizada pela Igreja e o segundo assegurando que não indisponha à doutrina cristã.



Em seguida, veio Pio XI que governou de 1906 até 1936 e se deparou com o fenômeno do cinema que se espalhava por todo mundo. Este papa foi o primeiro a tratar exclusivamente sobre o tema da Comunicação Social em um documento, através da Carta Encíclica *Vigilanti Cura*. Entre as novidades foi apresentada a exigência do Estado em empregar os meios de comunicação para a difusão da verdade, não reduzindo a comunicação somente a negócios políticos e econômicos. Também incentiva a “*Legião da decência*”, decaindo o tom moralista em função do bom uso que a Igreja começa a fazer dos meios de comunicação como instrumento de seu apostolado. No contexto do início do século XX, a casuística moral já não era capaz de responder às questões da comunicação, basicamente os cinemas lotavam, as igrejas esvaziavam, e as censuras foram substituídas pela reflexão e esclarecimento.

O terceiro período teve início com Pio XII que, em 1957, publicou a Carta Encíclica *Miranda Prorsus* onde fez uma síntese doutrinal sobre os meios de comunicação. Pio XII em sua Carta Encíclica retomou a *Vigilanti Cura* de 1936 e avançou em muito, propondo inclusive um dia anual dedicado ao cinema, buscando uma maneira de formar e de integrar este fenômeno na Igreja. Mas como ficou a critério de cada bispo introduzi-lo quando julgasse oportuno em sua diocese, caiu no esquecimento. A Carta Encíclica *Miranda Prorsus* ressalta a importância de formar os espectadores, onde, segundo a professora Joana Puntel, está a gênese da Pastoral da Comunicação (PUNTEL, 2012. p. 10).

A grande virada no pensamento e postura chega com a renovação trazida pelo Concílio Vaticano II. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium* e a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* superaram o modelo hierárquico autoritário por um modelo dialógico de Igreja.

O Decreto *Inter Mirifica*, publicado pelo Concílio Vaticano II, em 1963, mostrou o posicionamento oficial da Igreja sobre o assunto (PUNTEL, 2012. p. 11). Seu texto conciso recorda a obrigação e direito em utilizar os meios de comunicação para exercer sua missão. Joana Puntel considera que o Decreto *Inter Mirifica* foi:

Um divisor de águas! Ou seja, uma mentalidade de magistério da Igreja que, não raro, através de vários pontífices, na trajetória da Igreja, viam a comunicação (aqui falo em geral e, sobretudo, dos meios de comunicação) como algo negativo ou até “ameaçador” ao poder, ao ponto de se posicionarem contra a liberdade de expressão; censura em nível interno da Igreja, índice dos livros proibidos, etc (PUNTEL, 2013. p. 10).

Houve um caminho de aprofundamento e descoberta da comunicação como é possível aferir pela análise do percurso histórico. A Igreja respondeu aos estímulos da



sociedade, pois não é uma “ilha institucional”, mas está inserida na cultura e atenta aos sinais dos tempos.

A IGREJA CATÓLICA QUE SE IDENTIFICA COM A AMÉRICA LATINA

A Igreja Católica na América Latina procurou se posicionar de maneira adequada diante das questões da sociedade, e de modo especial buscou se posicionar no vasto e complexo mundo da comunicação no continente. Para a professora Joana Puntel: “O pensamento que envolve uma terminologia mais latino-americana, ora privilegia a análise privilegia o emissor, ora o receptor e ora a mediação” (PUNTEL, 2010. p. 145) e nisto reside o desafio de pensar a comunicação num contexto cultural complexo e sob fortes transformações.

Para o pesquisador Jesús Matin Barbero que foca sua pesquisa no “popular latino-americano que estaria processando diálogos muito próprios entre as culturas globalizadas” (GOMES, 2010. p. 92), a comunicação deve ser pensada a partir da cultura e também a cultura a partir da comunicação. Barbero considera o emissor, receptor, canal e mensagem a partir do contexto cultural. De modo que as mediações configuram o pano de fundo para o ambiente em que a cultura se transforma.

Confluindo com o pensamento de Barbero e Puntel, esta pesquisa se baseia, também, em Nestor Garcia Canclini que apresenta nossa cultura como híbrida. Tal hibridação incide diretamente na comunicação, porque além de hibridar o culto, o massivo e o popular, também conjuga tecnologia, cultura e meios, como mediação para o processo comunicacional.

Canclini compara modelos novos e antigos que convivem no continente. Para o pesquisador a América Latina pode ser comparada a um acampamento, onde vinham os exploradores, depois foi ajeitado como hotel, mas continuam os processos de exploração. As constituições dos países acabaram sendo escritas como recados de hotel, normas de uso. Os processos acontecem de forma difícil de perceber, um chega antes que o outro termine, outro sai enquanto o novo não chegou, e tem aqueles que não saem, mesmo quando o substituto já chegou. Com a analogia com acampamento para o hotel, percebemos como a estrutura pode ter sido transformada, mas a exploração continua, apesar de também ter se transformado.



E A Igreja segue como operadora do hotel? Seus agentes de pastoral são como camareiros? Seus bispos como gerentes? Não, são necessários modelos que estejam em consonância com a mensagem cristã dentro da cultura híbrida.

No caso da América Latina, Igreja e Cultura por vezes se misturam. Alguns prédios religiosos, por exemplo, são considerados mais expressões culturais e algumas ações de fé chegam a receber patrocínio público como manifestação cultural. A Igreja na América Latina não é somente uma instituição instrumentalizada por alguns colonizadores, mas ela se tornou parte da cultura. Rodrigo Guerra Lopez recorda as palavras de Octávio Paz sobre a importância da cultura para enfrentar o imperialismo e salienta como o fator religioso católico é marcante.

Muitos se admiram de que o México, apesar de ter diante de si o país mais poderoso da terra, tenha resistido com certo vigor à invasão cultural norte-americana. Resistimos pela força que tem a organização comunitária, sobretudo a família, a mãe como centro da família, a religião tradicional, as imagens religiosas. Creio que a Virgem de Guadalupe foi muito mais anti-imperialista do que todos os discursos dos políticos do país. Quer dizer que as formas tradicionais de vida preservaram, de certo modo, o ser América Latina (LOPEZ, 2005. p. 18).

A Igreja na América Latina é constituída por um processo complexo, pois não se faz somente com a história dos bispos, pois os religiosos foram os primeiros transmissores da fé. E na história recente contamos com o papel de destaque dos leigos. Juntos, a hierarquia, os religiosos e os leigos compõem, de maneira complexa, a história da Igreja no continente.

A complexidade, apesar das diferentes visões, denota também a evolução na autocompreensão de Igreja e da realidade continental. A análise dos textos conclusivos das conferências, segundo Joana Puntel: “demonstra um caminho ascendente da Igreja latino-americana e caribenha na consideração do fenômeno da comunicação” (PUNTEL, 2010. p. 121). Observando o trajeto das Conferências é perceptível que na realização da primeira conferência, no Rio de Janeiro, em 1955, tudo estava ainda como semente, mas nas outras conferências houve passos e progressos, como afirma Spoletini:

Em Medellín, a preocupação central foi o homem e a mulher latino-americanos em meio às transformações da década de 60, e em Puebla se centrou na missão da Igreja como Evangelizadora mediante a comunhão e participação, em Santo Domingo a figura de Jesus Cristo como caminhante partícipe da condição humana e como caminho que conduz à autêntica libertação humana (SPOLETINI, 1988. p. 15).



Já o documento de Aparecida se aproxima mais da questão da cultura da comunicação. E mais especificamente na progressão relacionada à tratativa do tema da comunicação Joana Puntel (2010, p. 126) apresenta o seguinte:

Se considerarmos o fato de que vivemos, nestes últimos anos, uma evolução histórico-tecnológica no conceito de comunicação, verificamos que de ‘meios de comunicação social’ passou-se para ‘comunicação social’ e, finalmente chegamos à ‘cultura da comunicação’. Cabe a nós, a partir do mandato missionário de Jesus (Mt 28, 16-20), integrar a mensagem cristã nesta nova cultura criada pelas modernas comunicações (RM, 37).

Diante da relação da Igreja com a complexidade da cultural e comunicacional do continente, percebe-se que houve realmente um avanço no processo reflexivo, conforme é detalhado na análise de cada uma das conferências.

A primeira conferência geral do episcopado latino-americano realizou-se no Rio de Janeiro, de 25 de julho a 4 de agosto de 1955. O organismo responsável por auxiliar o Vaticano na preparação do evento foi a conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), criada em 1952, por Dom Hélder Câmara. Reuniram-se no Rio de Janeiro 37 arcebispos e 58 bispos representantes de 23 países.

A conferência inaugural das reuniões latino-americanas teve como tema principal a criação do CELAM. Os grandes problemas tratados foram três: a escassez do clero, o combate aos adversários da Igreja e a interpelação dos problemas sociais. Entre as sete comissões criadas houve espaço para uma reflexão sobre os meios propaganda.

Esta conferência, que aconteceu antes da abertura do Concílio Vaticano II, pensou a comunicação dentro dos condicionamentos do seu contexto histórico. Mas propôs um melhoramento nas publicações católicas

A segunda conferência realizou-se em Medellín, na Colômbia, no período de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968, sob o tema: “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio”. A abertura foi feita pelo próprio papa Paulo VI e marcou a primeira visita de um pontífice à América Latina.

Nesta conferência as preocupações principais giraram em torno da família, juventude, educação e a explosão demográfica no continente. Medellín apresentou-se como uma releitura do Concílio Vaticano II no continente, feita por 86 bispos, 45 arcebispos, 6 cardeais, 70 sacerdotes, 6 religiosas, 19 leigos e 9 observadores não católicos.

Para Gustavo Gutierrez (1998, p. 47) a Conferência de Medellín veio justamente da renovação nascida no Concílio Vaticano II e estava destinada a marcar um antes e



um depois na vida da Igreja neste continente. O que se aguardava da Igreja não era a repetição de antigas fórmulas, mas respostas inéditas.

O texto conclusivo da conferência de Medellín trata sobre os meios de comunicação social em 24 artigos. Eram tímidas as críticas aos interesses políticos e econômicos que se sobrepõem à comunicação, mas os meios de comunicação começam a ser utilizados com entusiasmo, considerando a sua relação com a gritante pobreza e miséria dos povos latino-americanos. O foco estava mais na possibilidade dos meios de comunicação como elemento transformador e deixou de fora a articulação do conteúdo transformador.

Para Medellín os meios de comunicação, pela linguagem audiovisual, superam a barreira do analfabetismo e servem como armas extraconstitucionais para agir contra a política de alguns países. Convida os bispos a dialogarem com os que trabalham na comunicação e insiste que:

A inserção dos cristãos no mundo de hoje, obriga-nos a trabalhar os meios de comunicação social fora da Igreja, no espírito de diálogo e de serviço indicado pela Constituição *Gaudium et Spes*. O profissional católico, chamado a ser fermento, permitirá realizar melhor a sua missão se for integrada nos meios de comunicação para expandir os contatos entre a Igreja e o mundo, bem como contribuir para a transformação desta (DM, 12).

A conferência de Medellín foi marcada pela opção preferencial pelos pobres, e abordou esta questão também nas relações com a comunicação, pois, a ação libertadora é diretamente oposta às alianças com o poder, logo é difícil assumir uma postura coerente de afastamento do poder e a aproximação aos meios de comunicação social que, em muitos casos, servem ao poder. Neste sentido, a Igreja “se propõe a fazer eco das suas [dos pobres] reivindicações através dos seus próprios meios de comunicação” (MELO, 1982. p. 11). O interesse em ser a voz dos desamparados vem da inter-relação das questões sociais e os meios de comunicação.

A terceira conferência realizou-se em Puebla de los Angeles, no México no período de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Paulo VI apontou como documento de referência a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de 1975.

O horizonte sob o qual se desenvolveu a conferência foi a “evangelização no presente e no futuro”, tendo enfoque na dimensão política e social, tratando os temas da dignidade da pessoa e dos direitos fundamentais do homem na América Latina.

“A comunicação começa a adquirir caracteres próprios ancorados na realidade continental” (SPOLETINI, 1988. p. 130). Percebe-se que a reflexão não é exclusivamente “importada”, e a América Latina começa a produzir, a partir de si



mesma, as reflexões sobre a comunicação, mesmo em contexto adverso. Os teóricos da comunicação fluíam cada vez mais deixando o modelo de Harold Laswell e incrementando a teoria crítica de Armand Mattelard.

Puebla dedicou 32 artigos à temática da comunicação. Neste período a Igreja não tinha a percepção do processo como fato global e isto dificultou a projeção da problemática. E também a comunicação interna na Igreja se apresentava como obstáculo, pois, com uma deficitária comunicação entre seus membros e entre as dioceses, a crítica à sociedade que não se comunicava bem não podia ser feita sem antes uma autocrítica.

Puebla começou definindo que a evangelização, o anúncio do Reino é comunicação. E fez a primeira síntese de como a Igreja no continente interpreta a comunicação:

A comunicação, como ato social vital, nasce com o próprio homem e tem sido potencializada na época moderna mediante poderosos recursos tecnológicos. Por conseguinte, a evangelização não pode prescindir, hoje em dia, dos meios de comunicação (DP, 1064).

Como antídoto aos males dos *mass media* Puebla apontou como principal atividade comunicativa da Igreja os meios de comunicação alternativa e popular. Este modelo de comunicação se baseia no diálogo, e conta com muitas pessoas em seu meio de produção e circulação. Não podem ser manipulados pelo poder e são bem característicos dos povos e culturas da América Latina.

A novidade que Puebla apresentou em relação à opção pelos pobres consiste no seu sentido libertador. O compromisso com os pobres não se baseia na simples solidariedade ou ajuda para aliviar a pobreza, mas é uma busca de libertar a pessoa das estruturas de pobreza. E isto pressupõe uma atitude pastoral que se coloque diante das injustiças por meio da denúncia. Neste sentido, o texto da terceira conferência mostra a necessidade de ser a voz dos oprimidos, comunicar ao mundo os gemidos da pobreza e denunciar a exploração da pessoa por um sistema econômico desumanizante.

Conhecida a situação de pobreza, marginalização e injustiça em que estão imersas grandes massas latino-americanas e de violação dos direitos humanos, a Igreja, no uso de seus meios próprios, deve ser cada dia mais a voz dos desamparados, apesar dos riscos que isto implica (DP, 1094).

A quarta conferência teve lugar em Santo Domingo, na República Dominicana, em 1992, com o tema: “Nova evangelização, Promoção humana, Cultura Cristã”, sob o lema: “Jesus Cristo ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8). A conferência de Santo Domingo se deu no contexto da celebração dos 500 anos do início da evangelização no



continente. Ela teve três objetivos: celebrar Jesus Cristo, ou seja, a fé e a mensagem do Senhor crucificado e ressuscitado; prosseguir e aprofundar as orientações de Medellín e Puebla; e definir uma nova estratégia de evangelização para os próximos anos, respondendo aos desafios próprios do tempo.

Em Santo Domingo estavam presentes 356 pessoas, sendo 307 membros efetivos, 24 convidados, 20 peritos e 5 observadores.

Santo Domingo foi justamente a ruptura, a descontinuidade com Medellín e Puebla, como indica Francisco Catão:

Para uma instituição que é chamada a sobreviver a seu tempo, como a Igreja, não há continuidade sem descontinuidade, assim como para continuar sendo o mesmo o ser humano tem que mudar, crescer, evoluir e estar em dia com as exigências do seu tempo (CATÃO, 1993. p. 10).

O texto de Santo Domingo ao tratar da comunicação social focou “especialmente na evangelização da cultura” (SD, 275). E definiu que “a evangelização, anúncio do Reino, é comunicação para que vivamos em comunhão” (SD, 279). Esta é uma recordação do texto de Puebla que vem acrescida de uma iluminação bíblica: “O que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos para que estejais também em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo” (1Jo 1,3).

A conferência de Aparecida, ou a quinta conferência, deu-se em Aparecida - SP de 13 a 31 de Maio de 2007. A conferência contou com 266 participantes, dos quais 162 eram bispos, 81 convidados, 8 observadores de outras comunidades cristãs e 15 especialistas.

O professor Agenor Brighenti sintetiza da seguinte forma o conteúdo do documento de Aparecida sobre a comunicação social:

A evangelização não pode prescindir dos meios de comunicação social, que a inteligência humana aperfeiçoa cada vez mais. Com eles, a Igreja proclama “de cima dos telhados” a mensagem de que é depositária (BRIGHENTI, 2008. p. 100).

Basicamente são dois os movimentos de compromisso feitos pela conferência em relação à comunicação: um para dentro da Igreja e outro para fora. Primeiramente assumiu que desconhece a nova cultura da comunicação e os bispos se comprometem em “conhecer e valorizar” (DA, 486a). Este é um movimento para dentro que vem acrescido do compromisso de “apoiar e melhorar, por parte da Igreja, a criação de meios de comunicação social próprios” (DA, 486d). Olhando para fora os bispos se comprometeram a formar os profissionais da comunicação e citam os “proprietários, diretores, programadores, jornalistas e locutores” (DA, 486c) como interlocutores que



merecem uma atenção especial. Este compromisso envolve a parte política, ética, comunicativa, e, sobretudo da linguagem.

O FUTURO DA COMUNICAÇÃO NO CONTINENTE

As continuidades e descontinuidades no percurso das conferências oferecem uma pista de reflexão para o futuro da comunicação que passam pelo ciberespaço, pois, neste complexo ambiente, onde o diálogo é uma dimensão forte, é fundamental reconhecer e valorizar os avanços e retrocessos como parte do processo comunicacional.

A Igreja Católica sempre teve a intenção de buscar o diálogo, embora, tantas vezes sua prática e métodos denunciassessem o contrário. Apesar de conflitiva, a relação entre Igreja e comunicação sempre foi necessária, sobretudo, depois do Concílio Vaticano II quando o diálogo prevaleceu nesta relação.

Uma das maiores contribuições para se pensar a relação entre Igreja e comunicação na América Latina veio da Teologia da Libertação segundo o professor José Marques de Melo (1981). Uma visão da fé cristã integrada às grandes questões sociais era o foco desta corrente teológica. A Teologia da Libertação se espalhou com um modelo de Igreja ascendente, no qual a Igreja surge dos mais pobres, invertendo a pirâmide hierárquica. Somente com esta mudança de perspectiva foi possível à Igreja entender e assumir a dimensão dos meios de comunicação na sociedade.

Quando a Igreja se abre aos novos modelos de comunicação, deixando de lado os preconceitos, é possível uma reavaliação do caminho eclesial como considera Marques de Melo:

O discurso libertador é ao mesmo tempo uma autocrítica e um projeto de construção de novas formas de relações sociais e de mediações culturais, já representa um grande avanço. Cabe aos que assumiram, e aos que com ele se solidarizam, lutar pela conquista de novas e amplas adesões à sua prática efetiva (MELO, 1985. p. 167).

Pensando em libertação e comunicação surgiu uma profecia que hoje é capaz de tomar corpo no ciberespaço, a da comunicação grupal. Na década de 80 frei Clarencio Neotti profetizou sobre as redes sociais digitais. Seguramente não pensava em *facebook*, mas acreditava que a formação crítica deveria permitir que cada pessoa fosse emissor e receptor. Assim disse: “Nossa luta, sobretudo a luta consciente dos cristãos, é substituir o ter pelo ser, numa ordem em que todos, em pé de igualdade, sejamos emissores e receptores ao mesmo tempo” (NEOTTI, 1985. p. 160).



Frei Clarêncio não se refere à técnica, mas ao espírito que deve guiar a presença no ciberespaço, onde as pessoas sejam nós e linhas da rede, interlocutores de uma comunicação de muitos para muitos.

Neste sentido, a comunicação grupal foi apontada nas conferências como oposição ao império dos meios de comunicação de massa. Anunciando e denunciando a conscientização é o principal conteúdo da comunicação latino-americana. José Martinez Terrero a considera como

Um processo de estimulação e desafio da inteligência popular para que ela passe do nível operativo concreto, que permite a heteronomia ao nível operativo abstrato onde a inteligência ou consciência popular, graças à interação com os demais e com a realidade, iluminada pela reflexão, adquiere as condições de analisar a realidade e agir coletivamente sobre ela (TERRERO, 1988. p. 238).

As redes sociais digitais são seguramente um espaço dialógico como afirma Puntel:

A marca essencial deste novo modelo é a combinação da relação dialógica com a mediação técnica, permitindo a simulação do primeiro modelo de comunicação [dialógico presencial] por cima das barreiras de tempo e espaço (PUNTEL, 2011. p. 151).

A cultura latino-americana, definida como híbrida por Canclini, encontra agora um ambiente também híbrido. Além da conjugação entre massivo, popular e culto também existe a conjugação de espaços real e o virtual. Canclini usou a metáfora de uma cidade onde todas as ruas convergem para o mesmo centro, e Lucia Santaella fala da forma como nas cidades, o ciberespaço e o real não são mundos paralelos, mas que confluem.

Em meio a novas confluências e na busca por novos e melhores relacionamentos a Igreja deve se colocar com uma nova postura pastoral, que podemos chamar de “ciberpastora”, embora seja um termo limitado, apesar de significativo.

A internet não coloca mais a Igreja diante da reprodutibilidade, mas sim da interação. O importante não é a quantidade de seguidores de um perfil em redes sociais, mas a quantidade de interações que a mensagem recebe.

Na era dos fluxos, onde o foco é a interação humana e seus laços sociais, culturais e afetivos. Passamos da ênfase na interatividade entre humano e máquina, característica da cibercultura dos anos 1990, para uma experiência direta de sociabilidade em rede mediada por computação (SANTAELLA, 2010. p. 90).



CONCLUSÃO

O desafio da “ciberpastoral” não é falar de Deus e nem da Igreja, o desafio está em promover uma comunicação humana com sentido completo, autêntico e verdadeiro. Não são as imagens de santinhos no *facebook* que salvam, mas a interação com as pessoas. Só diálogo é capaz de engendrar um processo de conscientização para que a estrutura de rede, de muitos para muitos, possa atuar na transformação da sociedade. Neste sentido, “ciberpastoral” não consiste em um empenho de ensinar o bispo a usar o *Twitter*, mas em proporcionar que todos cristãos possam ser consumidores e produtores de uma mídia pautada pelos valores do Evangelho.

Cada vez mais a Igreja deve se articular em rede, e cada vez mais dará nova forma às redes de Pedro, pescador da Galileia. O pescador de homens tinha sua rede da qual tirava da água peixes bons e ruins, hoje ao redor do sucessor de Pedro existe uma rede de muitos para muitos, de nós e linhas estabelecidas pela comunicação para salvar pela solidariedade.

Sob este aspecto, é positivo recordar Teilhard de Chardin que vê todos os benefícios de uma rede de conexões e de uma “inteligência coletiva” para além do que o senso comum vê. Assim diz o teólogo e poeta na obra “O meio divino”:

Sob nossos olhos a humanidade está tecendo o seu cérebro. Amanhã, com o aprofundamento lógico e biológico do movimento que a contrai, quem sabe se ela não encontrará o seu coração, o coração sem o qual suas forças de unificação não poderiam jamais se desenvolver plenamente? (CHARDIN, 1979. p. 109).

Para Chardin, a rede pode ser uma etapa do caminho da humanidade movido, orientado e solicitado por Deus. O homem em rede, além de uma “inteligência coletiva”, deve formar uma consciência coletiva que humanize e respeite as cidades e as florestas, os Andes e os altiplanos, até o ponto de formar uma humanidade nova que atinja o que Chardin chama de “ponto ômega”, um “centro distinto irradiante no coração de um sistema de centros” (CHARDIN, 1979. p. 146). Tanto Teilhard, como as conferências do CELAM, desejam que o homem e a mulher da América Latina se organizem cada vez mais, se unam, que sejam muitos emissores e receptores, todos interlocutores de um avançado processo de transformação da sociedade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNS, Paulo Evaristo. *Cidade, abre tuas portas*. São Paulo: Loyola, 1976.
- BRIGHENTI, Agenor. *Aparecida em resumo*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- _____. *A desafiante proposta de Aparecida*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2000.
- CATÃO, Francisco. *Santo Domingo, significação e silêncio*. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.
- CHARDIM, Teilhard. *O meio divino*. Lisboa: Editorial Presença, 1979.
- DECOS-CELAM. *Comunicação missão e desafio*. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.
- DOCUMENTO DE APARECIDA. São Paulo: Paulinas, 2007.
- GOMES, Pedro Gilberto. *Da Igreja eletrônica à sociedade em midiatização*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- JOSAPHAT, Carlos. In: ALTEMEYER, Fernando; BOMBOMNATTO, Vera Ivanise (Org). *Teologia e comunicação*. São Paulo: Paulinas. 2011.
- LOPEZ, Rodrigo. In: CELAM. *América Latina: sociedade em mudança*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2005.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las mediaciones*. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.
- MARTINI, Carlo Maria, *Teologia del comunicare*. Milano, 1994.
- MELO, José Marques de. *Comunicação eclesial*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- _____. *Para uma leitura crítica da comunicação*. São Paulo: Edições Paulinas. 1985.
- _____. *Comunicação e libertação*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- _____. *Comunicação/incomunicação no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola. 1976
- MIRANDA, Mário de França. In: BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Evangelizar é comunicar: Fundamentação bíblico-teológica da Pastoral da Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- NEOTTI, Clarêncio. *Para uma teologia da comunicação na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- _____. *Puebla/Brasil: Comunicação: um estudo crítico*. São Paulo: Loyola, 1981.



PUNTEL, Joana Terezinha. Decreto *Inter Mirifica*. *Grande Conquista do Concílio Vaticano II*. In: *Utopias do Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. *Comunicação: diálogo dos saberes na cultura midiática*. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. *Cultura midiática e Igreja Católica, uma nova ambiência*. São Paulo: Paulinas, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. *A comunicação a distância no mundo globalizado: mudanças paradigmáticas*. In: ALTEMEYER, Fernando; BOMBOMNATTO, Vera Ivanise (Org). *Teologia e comunicação*. São Paulo: Paulinas. 2011.

SPADARO, Antonio. *Ciberteologia. Pensar o Cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.

SPOLETINI, Benito. *Comunicação: missão e desafio*. São Paulo: Edições Paulinas, 1988

TERRERO, José Martinez. *Comunicação grupal libertadora*. Petrópolis: Vozes, 1988.